

Consequências da leitura fundamentalista da Bíblia

Consequences of the fundamentalist reading of the Bible

Valmor da Silva
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Narcélio Ferreira de Lima
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Resumo

O artigo apresenta algumas consequências da leitura fundamentalista da Bíblia, a partir do Documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Reconhece, inicialmente, a boa intenção original do fundamentalismo, para concentrar-se sobre os seus desvios históricos, que resultam em perigos para as Igrejas e para a sociedade em geral. Após breve descrição do fundamentalismo, principalmente em sua relação com a Bíblia, o artigo se concentra sobre algumas consequências dessa visão, nomeadamente: monoteísmo excludente, retribuição e prosperidade, espiritualismo, moralismo, intolerância, xenofobia, racismo, classismo, machismo, sexismo e homofobia. Objetiva apresentar aspectos críticos do fundamentalismo, em vista da sua possível superação. Metodologicamente, faz uma exposição teórica, com base em fontes mais recentes que analisam essa leitura. Nesse sentido, privilegia pesquisas brasileiras e, na medida do possível, mais atualizadas. Pretende, como resultado, esclarecer sobre consequências perigosas de leituras com viés ideológico. Como proposta conclusiva, apresenta algumas pistas para superação dessa leitura.

Abstract

The article presents some consequences of the fundamentalist reading of the Bible, based on the Document *The interpretation of the Bible in the Church*. Initially, it recognizes the original good intention of fundamentalism, and then focuses on its historical deviations, which result in dangers for the Churches and society in general. After a brief description of fundamentalism, mainly in its relationship with the Bible, the article focuses on some consequences of this view, namely: exclusionary monotheism, retribution and prosperity, spiritualism, moralism, intolerance, xenophobia, racism, classism, machismo, sexism and homophobia. It aims to present critical aspects of fundamentalism, in view of its possible overcoming. Methodologically, it makes a theoretical exposition, based on more recent sources that analyze this reading. In this sense, it favors Brazilian research and, as far as possible, more up-to-date. As a result, it aims to clarify the dangerous consequences of readings with an ideological bias. As a conclusive proposal, it presents some clues to overcome this reading.

Palavras-chave

Fundamentalismo.
Fundamentos.
Hermêutica bíblica.
Interpretação da Bíblia na Igreja.
Literalismo.

Keywords

Fundamentalism.
Fundamentals.
Biblical hermeneutics.
Interpretation of the Bible in the Church.
Literalism.

Introdução

O fundamentalismo se (auto)explica, basicamente, pela tentativa de busca e preservação dos fundamentos do cristianismo. Recebeu essa nomenclatura a partir da publicação de 90 ensaios que ficaram conhecidos como *The Fundamentals*, entre 1910 e 1915 pela *Testimony Publishing Company* de Chicago. Em resumo, o interesse inicial dos protestantes envolvidos nesses ensaios, a exemplo de seu fundador Martin Lutero, era salvaguardar a inspiração divina do Antigo e Novo Testamento frente às teologias do cristianismo liberal, do modernismo e outras correntes que possivelmente ameaçariam a integralidade da Bíblia.

O presente artigo reconhece o valor e a honestidade da ideia propulsora do movimento fundamentalista, que parece ser a mesma do Documento norteador em estudo *A interpretação da Bíblia na Igreja* (Pontifícia Comissão Bíblica, 1994) que marca seus 30 anos de promulgação. O que se aprofundará a seguir, entretanto, são as nuances equivocadas que foram suscitadas ao longo desse século de movimento fundamentalista, em especial suas consequências teológicas e eclesiais.

Leitura Fundamentalista

O Documento *A interpretação da Bíblia na Igreja* (Pontifícia Comissão Bíblica, 1994) faz uma exposição de métodos e abordagens para leitura da Bíblia. Métodos e abordagens possuem avaliação em seus vários aspectos, positivos e negativos. De todos eles, apenas um recebe avaliação inteiramente negativa, sem nenhum mérito, a “Leitura fundamentalista”.

Em sua exposição da leitura fundamentalista, o Documento não poupa expressões críticas contra essa maneira de ler a Bíblia. Dentre outras, podem ser respigadas algumas afirmações: a leitura fundamentalista é interpretação primária e literalista; oposta a qualquer método; contrária à exegese liberal; enraizada em uma ideologia que não é bíblica; recusa todo questionamento e toda pesquisa; incapaz de aceitar plenamente a verdade da própria Encarnação; não dá nenhuma atenção às formas literárias e às maneiras humanas de pensar presentes nos textos bíblicos; ignora os problemas das

línguas originais; desnatura o apelo lançado pelo Evangelho; tende a uma grande estreiteza de visão; é antieclesial; apresenta-se como interpretação privada; é uma abordagem perigosa; é uma forma de suicídio do pensamento (Pontifícia Comissão Bíblica, 1994, p. 62-65).

Na avaliação de Rossi (2022, p. 26-27) há basicamente, três dimensões de leitura fundamentalista redutoras inaceitáveis: *doutrinarismo* (ótica da confessionalidade de seus leitores e leitoras), *individualismo* (foca no ego e ignora a sociedade), e *espiritualismo* (nega tudo o que é histórico, contextual e humano). Ferreira (2009, p. 50-55) recorda que, além do fundamentalismo, há outras variações dissidentes em sua maioria deste, que provocam chaves de leitura bíblica como a *ingênua*, *espiritualista*, *concordista* e *funcionalista* (manutenção do *status quo*). Uma reflexão mais acurada sobre a Bíblia nos fará perceber profundas assimetrias sociais e econômicas, levando-nos à suspeição.

O literalismo pode ser a maneira mais fácil de entender mal a revelação bíblica, pois Deus não ditou suas palavras ao hagiógrafo como a um(a) secretário(a), e ainda, as palavras da Bíblia não têm apenas um significado e situações únicas, podendo essa revelação ser compreendida como uma exposição incompleta (Heschel, 1975, p. 229).

A leitura literalista pressupõe também que Deus se revela com exclusividade no livro bíblico. É o que se chama bibliocentrismo ou bibliolatria, isto é, adoração da Bíblia como centro de toda a fé. A fé, nesse caso, é compreendida como um fideísmo, contra a razão e, conseqüentemente, ignorando os argumentos do raciocínio científico (ZABATIERO, 2008, p. 17). Do ponto de vista psicológico, o fideísmo oferece segurança porque elimina qualquer dúvida, como afirma Berger (*apud* Andrade; Pestana, 2022, p. 793).

Além dessas características e conseqüências com relação à Bíblia, a leitura fundamentalista tem conseqüências para os diversos campos da sociedade, como a cultura, a política, a economia, a educação, a saúde, o meio ambiente, a religião etc. (AMARO, 2022, p. 816). “Dessa forma, leituras sexistas, machistas, racistas, classistas, monoteístas, xenófobas, homofóbicas, entre outras, circulam dos púlpitos e nas redes sociais sob o argumento da

liberdade religiosa...” (Lopes, 2022, p. 7). Em destaque, na sequência, são expostas algumas dessas consequências para a Igreja e para a Teologia.

Consequências Teológicas e Eclesiais

A ingenuidade do fundamentalismo extremado acaba pondo a “carroça à frente dos bois”, desnaturando o próprio Evangelho quando antecede o estágio final - aquilo que se encontra escrito - do estágio inicial - as ações e palavras do Jesus da história -. Essa estreiteza teológica dificulta um diálogo mais amplo entre cultura e fé, pois não se leva em conta que antes do texto essa palavra foi história de vida, oração, pregação, catequese...

Uma leitura não-crítica da Bíblia pode acarretar consequências drásticas e até irreversíveis, e sua justificativa se dá simplesmente porque se encontra escrito. Tal fundamentalismo é, muitas vezes, antibíblico e antieclesial porque um olhar de conjunto e sério da própria Escritura acusa tais ideologias e posturas. Uma interpretação privada e espontânea pode ser atraente para pessoas que procuram ajustar sua visão de mundo às respostas que supostamente encontram nos textos sagrados, mas pode causar danos nefastos à fé bíblica.

Monoteísmo excludente

A expressão hebraica *echad* (um, indiviso)¹ que aparece em Deuteronômio 6,4 marca profundamente a fé bíblica. Fora de Deus não pode haver outro (Is 45,5). Rossi (2022, p. 25) relembra que a Bíblia apresenta sim textos “intolerantes, violentos e machistas. Como nos textos em que Deus manda destruir objetos e matar seguidores de outros deuses, praticantes de outros cultos”². Tais referências lidas ao pé da letra podem fazer soar um Deus intolerante a toda e qualquer outra forma religiosa. No entanto, Deus não faz proselitismo, as palavras acima devem ser lidas em um contexto religioso de aliança, o que implica adesão, intimidade, proximidade de um povo, cultura e contexto particulares.

¹ A *Bíblia Tradução Ecumênica* (1994), seguindo a tradução e tradição habitual do judaísmo, transcreveu a palavra UM de Deuteronômio 6,4 com letras maiúsculas. Comumente as Bíblias em português traduzem o termo por “único”, mas tentando transmitir esse sentido hebraico, que inclusive aparece em Marcos 12,29.

² Exemplos: Ex 22,23-24.32-33; 32,26-29; Nm 25,1-4; Dt 7,1-6; 12,2-3; 13,7-11.

Algumas vezes a Bíblia, com respeito, admitiu a dignidade de outras divindades e religiões ao mostrar que Deus não é propriedade do judaísmo, pois Ele está perto de toda pessoa que o invoca com sinceridade de coração (Sl 51,8; 145,18), ao mostrar que igualar Deus a religião é pecado, ao não omitir os pecados e seríssimas falhas da religião bíblica e seus fiéis.

Portanto, é blasfêmia achar que somente a sua religião detém a verdade e a graça, enquanto as demais estão nas trevas. Na sinceridade de coração muitos gentios adoram a um só Deus, mesmo sem o saber (Ml 1,11), embora o povo israelita ou cristão admita que há apenas um Deus, deve aceitar também que esse Deus tem vários povos.

Portanto, a leitura fundamentalista chega a ser dogmatista por acreditar deter toda a verdade. Seu sistema doutrinário atribui à Bíblia autoridade inerrante e infalível, para dar sustentação ao seu edifício dogmático (Nogueira, 2022, p. 41), sem passar por aquilo que Jesus orientou aos discípulos: autocrítica quanto à própria justiça (Mt 6,1). Essa falta de humildade tem dificultado um tanto a promoção do diálogo e cooperação inter-religiosa, o que seria uma grande oportunidade para se reconhecer a imagem e semelhança em toda e qualquer pessoa humana (Gn 1,27) e exercer a dignidade de filhos de Deus, o que vem antes de qualquer confissão ou credo (Gl 3,26).

Retribuição e prosperidade

As formas de dominação política, econômica e social possuem estreita ligação com a teologia da retribuição, modernamente denominada da prosperidade, como uma forte característica do fundamentalismo bíblico. Essa teologia da prosperidade, mais propriamente uma ideologia, propõe a justiça divina acima da sua misericórdia. Afirma que Deus retribui a cada pessoa de acordo com suas ações boas ou más. Deus seria um credor, que deve efetuar o pagamento conforme os méritos ou deméritos dos seres humanos. Essa teologia se expressa em muitas páginas da Bíblia, principalmente na literatura sapiencial e deuteronomista. Um exemplo ilustrativo pode ser conferido na lista de bênçãos e maldições de Dt 27-28, condicionadas à obediência ou à desobediência aos mandamentos (Lourenço, 2020, p. 165-185).

Ótimo exemplo ilustrativo da teologia da retribuição, em contraste com a teologia da graça, encontra-se na narrativa das tentações, conforme Mt 4,1-11. A narrativa apresenta uma espécie de debate entre dois rabinos, um protagonista e um antagonista, confrontando textos da Escritura. Vale frisar que o diabo, como antagonista, demonstra bom conhecimento dos textos sagrados da Lei, Salmos e Profetas³. O demônio cita, direta e indiretamente, Deuteronômio 8,3, Jeremias 27,5 e Salmo 91,11-12. Porém sua interpretação se baseia na teologia da retribuição, segundo a qual Deus devia premiar Jesus condicionalmente, “se és Filho de Deus...” (Mt 4,3.5). Essa condição de Filho de Deus exigiria que o Pai cumprisse as promessas retribucionistas de transformar pedras em pão, de mandar os anjos intervir na queda e de conceder glória e riquezas em troca da adoração... do diabo. “As respostas de Jesus corrigem a retribuição diabólica, em vista da confiança na graça, que propõe a fidelidade ao seguimento do caminho proposto pelo Pai” (Silva; Gouveia, 2022, p. 598-617).

Espiritualismo

A espiritualidade é louvável! Em termos bíblicos pode ser compreendida como a presença de Deus através de seu espírito agindo na pessoa humana e na criação, levando-os à vida e santidade (Gn 1,2; 2,7). Como na língua portuguesa o sufixo “ismo” pode denotar ideia de exagero, descrevendo - dentre outras coisas - teorias, filosofias ou comportamentos, fala-se nesse tópico exatamente do tom pejorativo que a palavra “espiritualismo” pode assumir.

A atitude espiritualista possui semelhanças com alguns movimentos teológicos e eclesiais, embora não se confunda com eles. Espiritualismo não se confunde com a Doutrina Espírita ou Kardecismo. Também não se confunde com o Pietismo, com o qual se assemelha. Tampouco se confunde com o Devocionismo, com suas ramificações espirituais que trouxeram importantes contribuições para as Igrejas. O espiritualismo, em sua marca mais original, se caracteriza pela espiritualidade privada e subjetiva, por isso é individualista.

³ Como se sabe a Bíblia Hebraica chama-se Tanakh, porque sua composição pode ser identificada pelas iniciais de *Toráh* (Lei), *Nebiím* (profetas) e *Ketuvím* (Escritos). Essa era a Bíblia que Jesus e os apóstolos dispunham até então e que o povo judeu conserva até hoje.

Além de negar a realidade material, nega também a realidade social e eclesial, em favor do isolacionismo individualista.

O espiritualismo se caracteriza por uma falsa espiritualidade, que lê a Bíblia e o mundo de maneira espiritualista, sem considerar a realidade material. “O fundamentalismo é marcadamente dualista: o ‘mundo’ é o âmbito da ação do demônio e está destinado à perdição eterna; a comunidade dos crentes é o lugar onde Deus exerce seu domínio e leva à salvação” (LIMA, 2009, p. 342). A autora segue explicando os três âmbitos em que se expressa esse dualismo: oposição entre bem e mal; oposição entre vida terrena e vida eterna; oposição entre crentes e pecadores.

Para um leitor ou leitora espiritualista, somente lhe importa o sentido “espiritual” do texto, trazendo conforto psicológico e evitando tocar em questões sociais e terrenas. O Verbo ainda não se encarnou e a Bíblia está nos céus, é apenas “palavra divina”, não uma aventura conjunta de Deus com o ser humano. É uma visão quase mágica, que ignora ou esquece que a Palavra “não está no céu” (Dt 30,12), mas posta propositalmente por Deus na boca e no coração do ser humano para que ele a ponha em prática (Dt 30,14), levando-o à obediência e prática da fé pelas obras (Ex 19,8). O cristianismo certamente não existiria até hoje se tivesse levado, por exemplo, as bem-aventuranças ou mandamentos apenas para o sentido metafísico ou simbólico.

Moralismo

Certamente, a Bíblia não se reduz a um manual de moral, no entanto, muitos a têm instrumentalizado para justificar rigorismos religiosos e, de maneira indiscernida, sobrepor a justiça à misericórdia divina. Seguir Jesus, embora caminho e porta estreitos (Mt 7,13-14), é também um jugo suave e leve (Mt 11,29-30) do mestre que é manso e humilde de coração (Mt 11,29). No fim das contas revela-nos seu Pai como juiz compassivo, desejoso de que nenhum de seus filhos se perca (Mt 18,14).

Deus não é superexigente, sua vontade se resume a “nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade e te sujeitares a caminhar com teu Deus!” (Mq 6,8). Tais visões contrárias têm feito humilhar e escandalizar os pequenos e a se sujeitar a autoridades humanas e religiosas, no entanto, “quando a

religião fala mais pela autoridade do que pela voz da compaixão - sua mensagem torna-se sem significado” (Heschel, 1975, p. 15).

Uma leitura rasa da Bíblia facilmente deixará transverberar uma religião resumida a um legalismo árido, comprometida simplesmente com a observação meticulosa de normas humanas, sem compromisso interior. Jesus denunciou a hipocrisia como o “fermento dos fariseus” (Lc 12,1) porque ali havia idolatria ao superficial. Portanto, a hipocrisia - mais que a heresia! - é a causa do atrofiamento espiritual, porque vem “de dentro” e escraviza.

Intolerância

Esse ainda é um dos grandes e sensíveis problemas provocados por uma visão controversa e irresponsável da Bíblia. Em nome do texto substitui-se o Verbo Encarnado pelo enunciado, em um fechamento total ou parcial a toda maneira diferente de interpretá-lo. Fechamento esse, nos recordarão Andrade e Pestana (2022, p. 787), ocasionado pelo medo do modernismo.

Como movimento político, o fundamentalismo foi se tornando sinônimo de obscurantismo frente à cultura e ciência em geral, impossibilitando o diálogo e o acolhimento ao diferente, ele “nada mais é, que uma variação dos processos de colonialismo e de dominação. Justifica o imperialismo, justifica o colonialismo” (Andrade; Pestana, 2022, p. 792), um retorno ao medievalismo.

Vale lembrar, no contexto de intolerância religiosa, que “as pessoas que condenaram Jesus à morte, o fizeram a partir de uma determinada forma de ler a Bíblia. Liam a mesma Bíblia que Jesus” (ROSSI, 2022, p. 25). Porém a perspectiva fundamentalista discrimina de tal maneira que promove o ódio, a violência e mortes. Isso porque o legalismo intolerante leva à rejeição de todas as diferenças e centraliza o indivíduo como único critério, negando a alteridade, isto é, o que seja diferente, o outro, a outra.

É preciso, portanto, nos questionar se estamos lendo a Bíblia com a perspectiva de Jesus ou de seus acusadores. Avaliar não apenas a ótica de seus compiladores, mas também de seus leitores e leitoras. A dignidade de uma religião ou sociedade pode se manifestar em suas atitudes de amor e misericórdia para com seus contemporâneos. Ou seja, para a cultura

ocidental, construída sobre os pilares judaico-cristãos, a forma de ler e interpretar a Bíblia dirá muito de nossa identidade e responsabilidade.

Xenofobia

Xenofobia, por definição, significa medo do estrangeiro. Mas foi justamente em meio a potências estrangeiras que Israel se firmou como uma grandeza política e religiosa. Em vista de tantas ameaças, concebeu a sua divindade com atributos nacionalistas, um Deus dos exércitos, que liberta seu povo com mão poderosa e braço estendido. Essas formas de etnocentrismo devem ser superadas, em favor de uma legítima xenofilia, o amor aos estrangeiros, defendido em tantas leis bíblicas de proteção ao órfão, viúva e estrangeiro, em vista de um mundo sem muros (Pereira, 2009).

Faz parte da fé hebraica a declaração: “meu pai [Abraão] era um arameu errante: ele desceu do Egito e ali residiu com numerosas pessoas; depois tornou-se uma nação grande, forte e numerosa” (Dt 25,5). Faz parte da lei da hospitalidade judaica, uma das coisas mais sagradas, amar a pessoa estrangeira para lembrar de tal condição vivida no Egito (Dt 10,19). O próprio Jesus, ainda criança, experimentou na pele a vida de um estrangeiro no Egito (Mt 2,13-18).

Nada justifica, para uma pessoa de fé, a aversão a pessoas de outras cidades, nações e culturas, o que iria ao contrário da condição humana de filhos de um mesmo Pai. Lembremos de Ciro, rei “pagão” persa, que é descrito com as mesmas glórias de um israelita devido a sua justiça (Is 45,1-4). O fundamentalismo, aos olhos de Andrade e Pestana (2022), é uma forma de colonialidade, especialmente como chegou ao Brasil, porque impõe autoritarismo.

Racismo

Leituras fundamentalistas relacionaram por séculos a maldição de Noé a seu filho Cam - esse último considerado pai de Canaã (Gn 9,18.22) - à África⁴ e às religiões de matrizes africanas. Tal descendência teria sido

⁴ Conforme o décimo capítulo de Gênesis, sobre as tábuas das nações, “os filhos de Jafé povoaram a Ásia Menor e as ilhas do Mediterrâneo; os filhos de Cam, os países do Sul: Egito,

reduzida à escravidão e sujeita à linhagem do irmão Sem (v. 26), justificando também com isso a demonização dos povos indígenas, sobretudo na época das Grandes Navegações. A redenção de Cam poderia ser justificada pelo “embranquecimento das populações”⁵.

Mas para surpresa de muitos(as), a Bíblia pode ser considerada um livro afro-asiático⁶: Etiópia, Egito e África incluem os lugares mais citados em toda a Escritura. Como não lembrar da fama da rainha de Sabá ou do Sul (Gn 10,7; Mt 12,42), da rainha Candace (At 8,27), Zípora, esposa de Moisés (Ex 2,21; 34,11.16), dos príncipes etíopes (Am 9,7; Sl 68,31), de Tamar, mulher cananeia (negra) citada na linhagem de Jesus (Gn 38; Mt 1,3)? Simão Cireneu “o negro” é um clássico (Mt 27,32). O profeta Sofonias é designado como filho de Kushi⁷, Moisés aparece nos relatos com feições e tradições egípcias no livro do Êxodo e, por fim, Adão, que em hebraico significa “formado na terra” (Gn 2,7)⁸. Tendo presente tal sequência de dados, nada impede de se supor que Jesus tivesse descendentes africanos ou negros, entre os quais lhe acolheram com os pais no Egito (filhos de Cam: Mt 2,13)⁹, aquele que na visão de João tem aparência de “jaspe e cornalina” (Ap 4,3)¹⁰.

Ter fé no Deus da Bíblia e ser racista pode beirar ignorância ou maldade. O mandamento maior de amar ao próximo não pode conhecer

Etiópia, Arábia, e Canaã lhes é ligado em lembrança da dominação egípcia sobre essa região” (*Bíblia de Jerusalém*, 2004, p. 47, nota a Gn 10,1).

⁵ Uma ilustração simples e direta de tal “embranquecimento” pode ser encontrada na tela racista “A redenção de Cam”, do pintor espanhol radicado no Brasil Modesto Brocos, de 1895, na qual aparece uma mulher idosa negra (avó) com os olhos e mãos erguidos ao céu, uma mulher (esposa) parda, um homem e criança brancos (LOTIERZO, 2013).

⁶ Israel era incluso no mapa africano até a conclusão da construção do Canal de Suez (1859), que ocasionou a divisão político-geográfica. Embora com localização imprecisa, o jardim do Éden estaria situado, a partir das pistas dos relatos bíblicos, na África Oriental (Gn 2,8), à margem do Eufrates (Am 1,5; 2Rs 19,12; Is 37,12; Ez 27,23).

⁷ Kushi (tradução da *Bíblia Tradução Ecumênica*, 1994), Cush (*Bíblia de Jerusalém*), Núbia (*Bíblia do Peregrino*, 2002), Kush em hebraico, é “Etiópia”, que significa lugar de gente com “rostos queimados” ou simplesmente “negro”. Em Sf 2,12 designa o Egito onde reinaram faraós núbios anteriores ao profeta (715 a 663 a.e.c = 25ª Dinastia).

⁸ A *Bíblia de Jerusalém* (2004, p. 35, nota “f”) recorda o trocadilho entre ‘adam, nome do primeiro homem, com ‘adamah (solo). A argila frágil lembrará a condição humana (Gn 3,19).

⁹ A etnia comum originária da Palestina, embora diversificada, é conhecida como *mitsraym*, “terra dos cópticos”, situada a nordeste da África, nas proximidades da Palestina, onde flui o Rio Nilo. O termo também é usado para identificar os habitantes ou nativos do Egito (Dicionário Bíblico Strong, 2002, p. 612).

¹⁰ Tais pedras apresentam-se geralmente em vermelho ou marrom devido a presença de hematita, hidróxidos de ferro e outros. Na antiguidade tiveram alto valor decorativo entre gregos e romanos (cf. MINMICRO). A cornalina ou sardônica já foi associada no Egito ao deus sol Rá, evocando proteção e coragem (Geology Science, 2023).

fronteiras, ou é universal ou não existe. O amor é o distintivo do discipulado cristão no mundo (Jo 13,34-35). Deus não tem favoritismo, ou seja, “não faz acepção de pessoas, [...] em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável” (At 10,34-35). Em Cristo não há mais judeu ou gentio (Gl 3,28), quem faz o contrário comete pecado (Tg 2,8-9).

Classismo

A história de Israel é geralmente contada na perspectiva dos pobres, o que não é tão mencionado nos meios fundamentalistas. Há em toda a Bíblia preferência de Deus pelos pequenos, órfãos, viúvas e estrangeiros, ao mesmo tempo identifica-se no texto a corrupção e centralização do poder monárquico e da elite religiosa. “Narrativas eram contadas pelos grupos ligados ao domínio de Jerusalém” (Ferreira, 2009, p. 53). A mensagem dos salmos e profetas por justiça e dignidade humana parece ser ignorada pelos fundamentalistas, vez que o silêncio de pessoas crentes à “opção preferencial” do Deus bíblico pelos marginalizados e marginalizadas - que não é uma chave bíblica periférica - pode ocasionar ou fortalecer formas de escravização e opressão social.

Desde a institucionalização do cristianismo por Constantino muitos tiraram proveito da religião e de seu entrelaçamento com o poder econômico-político, é mais confortável, assim, narrar sobre a controversa teologia da retribuição e prosperidade.

Machismo

Encontram-se na Bíblia inúmeros textos machistas, como Levítico 12,1-5; 18,19-30; Números 5,11-31; 31,17-18 etc.¹¹ Uma pessoa fundamentalista quando lê “as mulheres sejam a seus maridos submissas” (Ef 5,22), um texto pós-paulino!, dificilmente procurará interpretar e associá-lo ao versículo anterior (v. 21), onde se recomenda que os(as) cristãos(ãs) sejam submissos(as) uns aos(às) outros(as) no temor de Cristo.

Imaginemos as atrocidades a que foram sujeitas as mulheres no decorrer da história com uma interpretação equivocada, machista e

¹¹ Outros exemplos podem ser encontrados em 1Cor 14,34-35; Cl 3,18; 1Pd 3,1; 1Tm 2,9-15 e outros.

socialmente estruturante do texto... Certamente também ignorarão que a mulher foi feita do “lado” (*tselá*) do homem e não da “costela”, esse último termo que sequer aparece no original hebraico. Conforme Minette de Tillesse (1991) *tselá* correspondente a *pleurá* do grego, pode ser traduzido por “lado”, no sentido de metade, banda. Faz referência com João 19,34 onde o autor bíblico deixa explícito seu interesse pelo “lado de Jesus”, símbolo da Igreja, da nova Eva, formada ao lado de Jesus, novo Adão.

Deus criou homem e mulher e a salvação também é sponsal. Os dois têm igual dignidade diante do Criador porque ambos são sua imagem e semelhança. Aos olhos de Souza e outras (2020, p. 37) trata-se de “contemplar não somente uma parcela da criação de Deus [...]. Deus não está encerrado apenas na Bíblia ou nos textos sagrados. Deus está presente nas experiências do cotidiano, ao lado das mulheres”.

Em Isaías, Deus, que a tradição judaico-cristã transmitiu como “pai”, se apresenta a seu povo com feições de uma mãe (Is 49,15). O próprio Jesus se comparou com uma “galinha que reúne os pintinhos debaixo das asas” (Mt 24,37) em busca do povo israelita e, por fim, a palavra *ruach* (espírito) nas línguas semíticas só existe no feminino, revelando algo de materno. Conforme Minette de Tillesse (1984, p. 133, nota), os textos siríacos costumam traduzir frequentemente “consolador” por “consoladora”.

Sexismo

O contexto histórico e social da Bíblia é influenciado pela cultura patriarcalista, como se evidencia na simples leitura de determinados textos. Androcentrismo e patriarcado estão intimamente entrelaçados na história da religião judaico-cristã ocasionando um verdadeiro descompasso nas relações de poder.

Na visão de Lemos (2013, p. 201), a religião pode ser considerada um elemento estruturante desse sistema, dando papel de destaque ao poder. Tal tradição dá total autonomia - essa por vezes irracional e arbitrária - aos homens, desvalorizando e suprimindo o papel das mulheres, tratadas por um longo período e pejorativamente como “segundo sexo” ou até como uma das causas do mal na terra devido ao “pecado de Eva” (Gn 3,6). As leituras

fundamentalistas não admitem os efeitos nefastos dessa concepção porque sua visão casa bem com o funcionalismo estruturado e estruturante, evitando tocar em assuntos polêmicos. Paulo apóstolo combaterá profeticamente essa distinção ao assegurar que em Cristo não há perante Deus homem ou mulher, mas uma unidade (Gl 3,28) e que a salvação humana se deu através da participação ativa de uma mulher (Gl 4,4).

Na obra “Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia”, Joel Ferreira (2023) procura preencher essa lacuna e silêncio imposto pelos machos que sufocaram a voz feminina da Bíblia; é indispensável recordá-las. No Antigo Testamento encontramos a escrava Agar (Gn 16; 21), Tamar (Gn 38), as parteiras dos hebreus (Ex 1,15-22), as escravas hebreias (Ex 2,1-10), Miriam e companheiras (Ex 15,20-21), as filhas de Salfaad (Maala, Noa, Hegla, Melca e Tera - Nm 27,1-10), Débora (Jz 4-5), Raab (Js 2,1-24; 6,17.22-23.25), Betsabeia (2Sm 11), Rute e as mulheres de Belém. Chegando ao Novo Testamento, nos falarão as mulheres da genealogia de Jesus (Tamar, Raab, Rute, Betsabeia - Mt 1,3.5s), a mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30), Maria mãe de Jesus (Lc 1,46-55), a mulher samaritana (Jo 4,4-30.39-42), Marta (Jo 11,17-30) e Maria Madalena (Jo 20,1-2.11-18).

Ao lado de grandes homens de Deus estavam valentes mulheres que deram sua vida em favor do Reino. Foram inúmeras diaconisas, missionárias, discípulas, apóstolas e outras colaboradoras que fizeram o nome de Deus conhecido e honrado na história. Exemplo disso é a lista da carta aos Romanos 16,1-16. Por isso, não é de se estranhar que

O termo *episcopa* tem origem grega e foi usado também no Novo Testamento, caracterizando líderes eclesiais que tinham funções de organização e de ensino da igreja (At 20,28; Fl 1,1; 1Tim 3,1-2; 1Pe 2,25), que normalmente é traduzido por “bispo”. Aqui, pode tratar-se de importante indício para a existência de mulheres líderes eclesiais (Richter Reimer, 2015, p. 1503).

Reconhecer a dignidade e papel da mulher na religião, bem como o protagonismo cristão feminino, não tira o destaque dos homens, apenas se reconhece o lugar que as mulheres sempre tiveram nas origens do cristianismo e que hoje precisa ser redescoberto. É tentar percebê-las com a ótica do Criador e de Jesus de Nazaré.

Homofobia

A clássica acusação de pessoas religiosas à homossexualidade baseia-se em Levítico 18,22; 20,13, que rendeu um adjetivo de “abominação”, e no pecado de Sodoma em Gênesis 19,1-29, o que ficou erroneamente conhecido como “sodomia”¹². Trata-se de uma legislação adaptada para uma cultura particular e de uma interpretação apócrifa, hoje vista como anacrônica e indefensável. Na interpretação pessoal de Paulo, devassos e depravados¹³ não herdarão o Reino de Deus, mas em primeiro lugar ele lembra dos injustos (1Cor 6,9). A seu ver, as relações homossexuais vão contra a lei natural (Rm 1,27), no entanto, fundamentalistas esquecem que a Bíblia condena muito mais os injustos e os pecados contra os pobres.

Sem querer tratar a temática superficialmente, antes deveríamos também refletir por que o Brasil é o país mais “católico” e o segundo mais “cristão” do mundo e, ao mesmo tempo, o que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIAP+¹⁴, muitas vezes de forma cruel, simplesmente por serem quem são. O fundamentalismo extremado não apenas confunde, distorce, como também pode matar.

Nada justifica a violência contra a pessoa humana. O mandamento de amar ao próximo como a si mesmo (Mt 22,37-39) às vezes parece encontrar barreira quando precisa ser aplicado às minorias sociais e a pessoas às quais Jesus se dirigiria em primeiro lugar. Parece estranho ter que repetir o óbvio, mas pessoas homoafetivas - batizadas ou não - são imagem e semelhança de Deus, são humanas, dignas de respeito, carinho e dignidade de vida como qualquer outra.

¹² Embora leitores(as) costumem relacionar à homossexualidade, Sodoma foi castigada sobretudo pela violência, injustiça e falta de hospitalidade (Mt 10,15; Lc 17,28s; 2Pd 2,6; Jd 7). O autor não faz juízo moral sobre homossexualidade (nem o NT) que seria fugir do assunto, mas comenta sobre o orgulho da cidade.

¹³ Algumas Bíblias, como a *Bíblia do Peregrino* (2002), traduzem depravados por “efeminados”.

¹⁴ Conforme a Câmara dos Deputados (CALVI, 2022), os dados são de 2021 obtidos pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em parceria com a Aliança Nacional LGBTI+: cerca de cada 29 horas uma pessoa dessa comunidade é assassinada, fora os casos de suicídio e outros tipos de agressão.

Ideias Conclusivas, em Vista da Superação da Leitura Fundamentalista

A superação da leitura fundamentalista é um grande desafio, talvez até inatingível de maneira ideal. Isso porque a busca de fundamentos faz parte da perspectiva humana. Na dificuldade em viver na dúvida ou na incerteza, toda pessoa quer algo que lhe ofereça segurança. Nessa busca, nada mais seguro que o apelo para o próprio Deus. A fé leva a fundamentar a própria vida, seguindo os ditames divinos. Por isso, entre a pessoa e a Bíblia está a atitude de fé, que pode levar ao fideísmo, com visões míopes da realidade. É o que se chama atitude fundamentalista.

A partir dessa constatação, o desafio é superar dicotomias, como fé e razão (Lima, 2009, p. 351-356). Isso vai muito além do reconhecimento do método histórico-crítico ou de qualquer outro método de leitura da Bíblia. Implica ainda em superar convicções ingênuas, piedosas e superficiais, adquiridas em catequeses infantilizantes.

Visto ser a Bíblia fruto de épocas e culturas distintas e muito diferentes, a sua interpretação implica em reconhecer contextos, línguas e costumes igualmente diferenciados. Não só! Cada época possui contextos históricos e culturais próprios, o que incide na leitura e interpretação da Bíblia. Toda leitura é feita, naturalmente, com o intuito de iluminar situações da atualidade, com suas peculiaridades específicas, diferentes dos contextos originais dos textos bíblicos. A leitura fiel da Bíblia constrói pontes que ligam as situações daquele povo às nossas realidades e anseios. Ora, “o que temos nós e o povo da Bíblia em comum? As ansiedades e os prazeres da vida; o sentido da beleza e a resistência a ele; a consciência de estar afastado de Deus e momentos de anelo para encontrar um caminho até ele” (Heschel, 1975, p. 43).

Ao mesmo tempo, faz-se importante afirmar que a exegese ou o método histórico-crítico não é a única e válida forma de leitura de um texto, vez que seu sentido pode nos apresentar “certa fugacidade, possui a característica de evento, que escapa sobre determinação do ‘verdadeiro’ (normalmente entendida a verdade no âmbito da teoria da correspondência)” (Zabatiero, 2008, p. 23). Portanto, é importante não demonizar as demais

formas de interpretação, como não fugir da discussão ou tratar os autores e autoras de forma irracional e “mágica”. Não é erro grave chamar a escritura de “babélica”, já que Deus fala a língua dos seres humanos e está disposto a debater com eles (Is 1,18). O ponto crucial para as comunidades cristãs não é a busca pelo verdadeiro sentido da autoria bíblica, mas o fato de que ali se encontra inspiração divina.

Importante também se faz construir novos caminhos decoloniais de saber fora daquela matriz imposta por visões importadas de grandes potências econômicas como Europa ou EUA¹⁵. “Se a colonialidade é um quadro de sujeição, a decolonialidade deve ser o caminho de abertura para a libertação” (Mignolo; Walsh, 2018, p. 478-479). Devemos aprender com os erros históricos de uma colonização que se entrelaçou à “evangelização” do mundo que temos, pois o Reino de Deus, dirá Jesus, é justamente isso, como um proprietário que tira coisas novas e velhas de seu tesouro (Mt 13,52). Isto é, os discípulos e discípulas não devem apenas repetir as mesmas coisas de sempre, mas serem criadores(as) de novas parábolas. Pluriversalidade ao invés de universalidade (Mignolo, 2010, p. 16) é uma possibilidade apontada pela própria Bíblia para nós hoje, o que vai se revelando como fenômeno cada vez mais manifesto, evidente e irreversível.

Os profetas bíblicos, interlocutores da Sagrada Escritura, nunca foram neutros. Não havia algo que mais lhes irritava o espírito que a insensibilidade à maldade, o apego ao poder, a idolatria do ego, enfim, qualquer resquício de injustiça e infidelidade à Aliança (Jr 20,7-18). Tal perspectiva é o que pode ser considerada o contrário do fundamentalismo, porque quem fala em nome de Deus não aplaude o sistema, não vende verdades metafísicas, não é “conservador”, jamais perde de vista a transformação social e a promoção da justiça e direitos humanos. Ou seja, diante de questões decisivas da humanidade, neutralidade para a Bíblia é um “mito”; quando a vida do povo está ameaçada, ou se está do lado do dominador ou das pessoas dominadas. Assim, “a Bíblia vai apresentando Deus tomando partido dos pequenos” (Ferreira, 2009, p. 54).

¹⁵ Aqui não se trata de incitar xenofobia ou revolta, mas valorizar uma teologia que parta da situação concreta de cada povo e cultura particulares, como foi reconhecendo o Concílio Vaticano II.

Não poderíamos deixar passar em branco o papel do olhar feminino sobre a Bíblia, ao defendermos seu caráter esponsal. A maneira de um homem lê-la é muito diferente da criatividade feminina com suas interrogações. Uma teologia (bíblica) sem a mulher é pobre, incompleta, irrelevante. Elas estão em grande número entre o que acima chamamos de “preferidos(as)” do Senhor, além do papel que têm de impactar e cuidar de outras pessoas. Infelizmente,

até agora, - sobretudo na Igreja Católica e, até certo ponto, no protestantismo e no judaísmo - o estudo científico da Bíblia era um empreendimento quase exclusivamente machista e clerical. A Bíblia é essencialmente “nupcial”, desde a criação até o Apocalipse (Minette de Tillesse, 1996, p. 9).

A luz norteadora para um cristianismo mais próximo às suas incontamináveis fontes e para quem deseja pensar uma nova evangelização do mundo nominalmente cristão não pode ser outra senão a Palavra de Deus, capaz de revelar o sentido da existência humana e do universo. Se foi a Palavra de Deus que criou o mundo então será através dela que ocorrerá, teologicamente falando, o concerto redentor da humanidade. Mas para tal, é preciso um estudo mais crítico, urgente e profundo da Bíblia.

O tesouro de uma boa leitura e interpretação da Bíblia está no conhecimento de sua visão de conjunto, tanto quanto possível. Recortes de um trecho ou outro que satisfaz a interesses particulares pode ser perigoso, no sentido de que trai a sua integralidade virginal, pois “uma visão parcial quase sempre corresponde aos *nostros* interesses e pontos de vista, e assim distorce a Revelação Divina interpretando-a segundo o nosso pensamento (Mc 8,33; 7,13). Uma leitura *integral* respeita o pensamento *integral* de Deus (Mt 11,27; 16,17)” (Minette de Tillesse, 1984, p. 56, *itálico no original*). Toda a Bíblia caminha entre dois polos, que vão da criação (Gênesis) até a glória da parusia (Apocalipse), já que na revelação cristã Jesus é o Alfa e o Ômega, princípio e fim (Ap 22,13).

Diante da era da velocidade da informação e do conhecimento, ao mesmo tempo da “informação falsa” (fake news), o analfabetismo bíblico torna-se cada vez mais intolerável (Hb 5,11 - 6,8). “É preciso suscitar aqui no Brasil uma geração bíblica, um povo que leia, conheça, viva a Bíblia” (Minette de Tillesse. In: Comunidade Católica Shalom, 2007). Mas para isso, uma

leitura apenas piedosa, superficial e apologética não responde às necessidades e urgências de nosso tempo. Hoje nossos(as) próprios(as) filhos(as) pedem, com justa razão, as motivações de nossa fé, então não temos mais a desculpa de dizer que a Bíblia é difícil, pois para entender a informática, contabilidade, legislação, engenharia etc., aceitamos enfrentar estudos muito mais técnicos e difíceis.

Referências

AMARO, Flávia Ribeiro. O avanço dos fundamentalismos e a ameaça à liberdade religiosa: uma discussão de caráter urgente e imprescindível. *Atualidade Teológica*, v. 26, n. 70, p. 816-832, jul./dez., 2022.

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de; PESTANA, Alvaro César. Os desafios do fundamentalismo para os estudos bíblicos e teológicos. *Encontros Teológicos*, v. 37, n. 3, p. 783-802, Set.-Dez. 2022.

Bíblia de Jerusalém (A). São Paulo: Paulus, 2004.

Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

CALVI, Pedro; Comissão de Legislação Participativa. Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+; CLP aprova Seminário sobre o tema. Câmara dos Deputados, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema>. Acesso em: 08 ago. 2023.

COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM. *Uma geração que ame a Bíblia*. Fortaleza. Comshalom.org, 2007. Disponível em: <http://www.comshalom.org/uma-geracao-que-ame-a-biblia/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

Dicionário Bíblico Strong: léxico hebraico, aramaico e grego de Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002 (versão digital).

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: Ed. da UCG; Ed. América, 2009.

FERREIRA, Joel Antônio. *Mulheres que conquistaram espaço e voz na Bíblia*. - São Paulo: Paulus, 2023. Coleção Temas Bíblicos.

GEOLOGY SCIENCE. *Carnelian*. Pt.geologyscience.com, 2023. Disponível em: <https://pt.geologyscience.com/gemstone/carnelian/?amp>. Acesso em: 02 dez. 2023.

HESCHEL, Abraham Joshua. *Deus em busca do homem*. São Paulo: Paulinas, 1975.

LEMOS, Carolina Teles. Religião e Patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2795>. Acesso em 14 ago. 2023.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. Fundamentalismo: Escritura e Teologia entre fé e razão. *Atualidade Teológica*, v. 13, n. 33, p. 332-359, 2009.

LOPES, Maricel Mena. Apresentação. Desconstruindo fundamentalismos na Bíblia e no cotidiano. *Revista de Interpretação Bíblia Latino-americana*, v. 88, n. 3, p. 7-10, 2022. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/issue/view/621>. Acesso em: 29 set. 2023.

LOTIERZO, Tatiana Helena Pinto. *Contornos do (in)visível: A redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira do último Oitocentos*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.8.2013.tde-18122013-134956. Acesso em: 28 set. 2023.

LOURENÇO, Erike Couto. A teologia da retribuição no Deuteronômio. In: KONINGS, Johan; SILVANO, Zuleica Aparecida (Orgs.). *Deuteronômio: "Escuta, Israel"*. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 165-185.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: 2010.

MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. London: Apple Books, 2018.

MINETTE DE TILLESSE, Caetano. Hino da Criação. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 126-135, 1984.

MINETTE DE TILLESSE, Caetano. Matrimônio e Aliança. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, v. 8, n. 4, p. 255-264, 1991.

MINETTE DE TILLESSE, C. O Deus pelas costas: Teologia narrativa da Bíblia. *Revista Bíblica Brasileira*, v. 13, n. 1-4, Fortaleza: Ed. Nova Jerusalém, 1996.

MINMICRO Banco de Dados de Minerais ao Microscópio; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/minmicro/Jaspe.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2023.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Leitura bíblica fundamentalista no Brasil: pressupostos e desenvolvimentos. *Caminhando*, v. 7, n. 2, p. 31-49, 2022.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Editorial. Por um mundo sem muros: Bíblia e migração. *Revista de Interpretação Bíblia Latino-americana*, v. 63, n. 2, p. 9-12, 2009.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1994. (Documentos Pontifícios, 260).

RICHTER REIMER, Ivoni. Santa Praxedes: memórias e visualidades de uma líder eclesial na Roma antiga. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1480-1509, jul./set. 2015.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. O fundamentalismo bíblico como suicídio teológico. *Revista de Interpretação Bíblia Latino-americana*, v. 88, n. 3, p. 23-34, 2022.

Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/article/view/1037245>. Acesso em: 13 set. 2023.

SILVA, Valmor da; GOUVEIA, José Geraldo de. A doutrina diabólica da retribuição e a teologia da graça de Jesus, no episódio das tentações. *Pistis & Praxis*, v. 14, n. 2, p. 598-617, maio/ago. 2022. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/29346/25740>. Acesso em: 28 set. 2023.

SOUZA, Carolina Bezerra de; RICHTER REIMER, Ivoni; SCHUCHARDT, Ketlin. Métodos e Epistemologias Feministas nos Estudos de Religião. *Reflexus Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória, v. 14, n. 1, p. 15-43, 2020. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/2367>. Acesso em: 13 set. 2023.

THE EVANGELICAL THEOLOGICAL SOCIETY. The Chicago Statement on Biblical Inerrancy; Chicago, 1978. Available in: https://www.etsjets.org/files/documents/Chicago_Statement.pdf. Access in: 02 Aug 2023.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar. *Estudos de Religião*, v. 22, n. 35, p. 14-27, jul/dez. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/170>. Acesso em 30 set. 2023.

Trabalho submetido em 01/10/2023.
Aceito em 06/12/2023.

Valmor da Silva

Pós-Doutor em Teologia (Bíblia). Doutor em Ciências da Religião. Mestre em Teologia Bíblica e em Exegese Bíblica. Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0372-5889>. E-mail: lesil@terra.com.br

Narcélio Ferreira de Lima

Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), bolsista CAPES/ PROSUC, mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás, bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), bacharel em Filosofia pela FCF, licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2130-3214>. E-mail: fraternascelius@gmail.com